

FASCISMOS E FASCISTAS EM COMPARAÇÃO GUSTAVO BARROSO, ADRIEN ARCAND E O ANTISSEMITISMO NO BRASIL E NO CANADÁ NO ENTREGUERRAS

*João Fábio Bertonha¹
Odilon Caldeira Neto²*

RESUMO: Na qualidade de fenômeno internacional, o fascismo proporcionou o diálogo e a interação entre líderes, adeptos e movimentos geograficamente distantes. Neste artigo, buscamos analisar comparativamente o diálogo entre dois entusiastas do fascismo internacional em uma roupagem mais radical e antissemita: o integralista brasileiro Gustavo Barroso e o líder do fascismo canadense, Adrien Arcand.

PALAVRAS-CHAVE: Fascismo internacional; Gustavo Barroso; Adrien Arcand.

ABSTRACT: As long as international phenomenon, fascism provided the dialogue and the interaction between leaders, followers and geographically remote movements. In this article,

¹ Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com estágios de pós-doutorado na Università di Roma (La Sapienza) e na Universidade de São Paulo. Especialista em assuntos estratégicos internacionais pela National Defense University (EUA). Professor de História Contemporânea na Universidade Estadual de Maringá/PR (Brasil) e pesquisador do CNPq. Autor de vasta obra, com mais de uma dezena de livros publicados nos campos de estudo: fascismo, relações internacionais, defesa, imigrações e história da Itália e dos EUA. Contato: fabiobertonha@hotmail.com.

² Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio doutoral (Junior Visiting Fellow) no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL). Pesquisador associado ao grupo "Direitas, História e Memória" (CNPq/Universidade Estadual de Maringá, PR). Autor de "Sob o Signo do Sigma: integralismo, neointegralismo e o antissemitismo" (Eduem, 2014). Contato: odiloncaldeiraneto@gmail.com.

we analyze comparatively the dialogue between two enthusiasts of international fascism, in a more radical and anti-Semitic guise: the Brazilian integralist Gustavo Barroso and Adrien Arcand, leader of Canadian fascism.

KEYWORDS: International Fascism; Gustavo Barroso; Adrien Arcand. Introdução

Compreender o fascismo como fenômeno internacional e diversificado pressupõe a necessidade de observar as formas pelas quais ocorreram a formação e a atuação de grupos, movimentos e agremiações políticas que, embora semelhantes em determinados elementos discursivos e ideológicos, previam e almejavam a disputa de poder em realidades e configurações políticas as mais distintas possíveis.

Apesar da emergência do fascismo estar ligada aos emblemáticos referenciais europeus, sobretudo o italiano e o alemão, o fenômeno adquiriu status internacional e caráter transnacional, constituído por casos de diversificadas proposições, enunciações e contingente militante, além dos contatos entre eles. Dessa maneira, em localidades bastante longínquas do centro europeu irradiador, houve o surgimento de determinados movimentos que flertavam com parte dos pressupostos políticos do fascismo (sob aspectos diversos) ou até mesmo assumiam explicitamente a prática da então nova tendência política da extrema direita.

Ainda que várias tendências políticas conservadoras e autoritárias tenham sido confundidas com a então “nova onda” do fascismo em voga (confusão essa engendrada por adversários políticos, embora com relativa recepção e reprodução em meios intelectuais e acadêmicos), tal ideologia, como fenômeno político, atingiu evidente amplitude e diversas experiências.

Partindo do caso italiano, é possível notar a disseminação do fascismo em variados países europeus, como a Holanda (Nationaal-Socialistische Beweging, de Anton Mussert); a Bélgica (Verbond der Dietse Nationaal-Solidaristen, de Joris Van Severen e outros); a França (Le Faisceau, de Georges Valois; Francisme,

de Marcel Bucard); a Inglaterra (British Union of Fascists, de Oswald Mosley); Portugal (Movimento Nacional-Sindicalista, de Francisco Rolão Preto); Espanha (Falange Española, de José Antonio Primo de Rivera); entre outros, além de, é claro, do caso da Alemanha nazista. Era comum que esses países não tivessem apenas um movimento ou partido fascista, mas diversas siglas em disputa, excetuando os casos de liderança governamental constituída (Itália, Alemanha etc.).

O fascismo, contudo, não foi um fenômeno restrito aos limites territoriais europeus, pois teve uma expansão quase simultânea nos continentes asiático, africano e na Oceania, não obstante a baixa adesão popular e o fato de ser majoritariamente pautado por casos efêmeros e incipientes, sobretudo no aspecto político-partidário. No continente americano, no entanto, o fascismo obteve franca disseminação ao estabelecer presença na maioria dos países, pautado inclusive em casos significativos para a política local.

O integralismo de Plínio Salgado, ou Ação Integralista Brasileira (AIB), foi certamente o maior dentre tais casos, sendo não apenas o principal movimento/partido fascista na porção sul do continente americano, mas também o maior além-Europa (Griffin, 2006:22). Tratando-se da ocorrência sul-americana, além do caso brasileiro, o fascismo obteve relativa importância na agenda política nacional em países como a Argentina e o Chile (Deutsch, 1999; Bertonha, 2013).

Na América Central, a organização fascista de maior destaque foi a *Acción Revolucionaria Mexicanista*, fundada por Nicolás Rodríguez Carrasco. Esse grupo era marcado pelo radicalismo de seu discurso e pelos enfrentamentos com os inimigos esquerdistas nas ruas das cidades mexicanas. Na América do Norte, vários grupos buscaram a articulação com setores políticos conservadores e reacionários, com pouco ou quase nulo sucesso. Nos EUA, William Dudley Pelley fundou a *Silver Legion*, curiosamente no mesmo dia da fundação oficial do Partido Nazista alemão, mas com trajetória diametralmente oposta, visto o fracasso dos *silver shirts*. No Canadá, dentre vários pequenos grupos e partidos fascistas, houve relativo destaque para o *Parti National Social Chrétien*, fundado por Adrien Arcand, que foi também líder do *National Unity Party of Canada*.

Independentemente do sucesso obtido pelos diversos grupos fascistas surgidos ao redor do mundo nas três primeiras décadas do século XX, a amplitude e a diversidade territorial dessas iniciativas atestam o fascismo como um fenômeno não apenas eurocêntrico, ainda que o modelo inspirador desses grupos tenha sido certamente os casos de sucesso na Europa, em especial os modelos italiano e alemão.

Com base nesse pressuposto, que leva em conta suas mais diversas e longínquas práticas e experiências, o fascismo é caracterizado – e, em certo sentido, fundamentado – como uma prática internacional ou mesmo transnacional. Tal aspecto evidencia a possibilidade de estudos que abordem a rede de relações, cooperações e disputas existentes entre esses grupos; desde os casos mais visíveis, isto é, movimentos atuantes em localidades (países) próximas e/ou com tradições culturais semelhantes (o fascismo no mundo hispânico, anglo-saxão etc.), até os grupos de regiões, tradições e práticas dissonantes, mas com algumas bandeiras em comum (levando em conta alguns dos principais elementos do arcabouço ideológico do fascismo).

Essa questão se tornou ainda mais perceptível por meio do processo pelo qual o fascismo italiano passou a tomar o próprio regime não apenas como um caso nacional, mas de diversos outros congêneres em localidades distintas. A crise do capitalismo na proximidade do início da década de 1930 foi um fator substancial para sedimentar a suposição sobre a possível universalidade do fascismo.

Ademais, a chegada do nazismo ao poder na Alemanha em 1933 evidenciou não somente as possibilidades existentes para a disseminação do fascismo (inclusive fora da Europa), mas, sobretudo, a necessidade de construir uma alternativa italiana para concorrer com um provável avanço do nazismo pela Europa e outros continentes. Desse modo, no ano de 1933 foram criados os Comitati d’Azione per l’Universitalittá di Roma (CAUR), organizações voltadas para a universalização do fascismo (Bertonha, 2000).

Para além das iniciativas institucionais europeias, a dinâmica do fascismo na qualidade de fenômeno internacional foi marcada

pela inconstância, isto é, por momentos de cooperação, aliança e diálogos entre dirigentes e militantes de diversos movimentos, assim como por questões típicas da disputa de poder político, ainda mais se levarmos em conta o ultranacionalismo característico do fascismo. Ainda que o caráter nacionalista desses movimentos dificultasse os diálogos e a colaboração – sobretudo nos agrupamentos congêneres localizados em países fronteiriços –, houve, em determinados momentos, uma rede de troca de informações e cooperação entre alguns deles.

De certo modo, é possível delinear – mas não determinar – uma relativa divisão entre dois grupos majoritários, oriundos da junção da quase totalidade das diversas experiências de cunho fascista. De um lado, reuniram-se alguns grupos que se assemelhavam ao modelo do fascismo italiano, nos quais tal coincidência se dava por conta do modelo corporativista de organização, por alguns aspectos doutrinários ou pela simbologia característica do caso italiano. De outro lado, agruparam-se os demais casos com base na semelhança e na influência do nazismo, isto é, no radicalismo racista, no darwinismo social e também no forte discurso antissemita em alguns deles que, no caso alemão, desempenhava um papel central no discurso e na própria prática político-partidária.

Essa divisão, contudo, não pode ser encarada como um aspecto estático ou uma categorização absoluta. No mais, ela serve majoritariamente para fins analíticos. Isso ocorre também em razão do fato de que a relação interfascismos ocorria em diversos âmbitos, níveis e intensidades, de modo que grupos afiliados ao “fascismo mais radical”, que buscava inspiração no nazismo, poderiam eventualmente – ou mesmo constantemente – estabelecer contatos com congêneres não muito semelhantes.

Para fins de análise, ainda que essa dinâmica não possa ser dissociada das eventualidades inerentes ao campo político e das relações internacionais (marcada pelo jogo (in)constante de aproximações e distanciamentos entre os diversos atores), é plausível supor que as relações interfascismos se deram, majoritariamente, por conta das aproximações nas similaridades ideológicas. Mesmo que se considere a existência de variadas

gradações no radicalismo fascista, tais relações existiam entre diversos movimentos, fossem eles próximos territorialmente, ideologicamente ou não.

Levando-se em conta o antissemitismo como um dos aspectos de maior evidência das diversas gradações do radicalismo fascista, justamente por aproximar ou distanciar vários grupos fascistas do nazismo, abordar-se-á a maneira como se deu a constituição da questão antissemita em dois casos distintos, que auxiliam na análise das diferenciações e similaridades entre os movimentos fascistas, no caso, a Ação Integralista Brasileira (principalmente na figura de Gustavo Barroso, comandante-geral das milícias integralistas) e o fascismo canadense, mais especificamente os grupos e estratégias capitaneadas por Adrien Arcand.

Para tal, a abordagem se dará inicialmente pela trajetória de construção e consolidação de cada um desses casos, considerando o papel do antissemitismo em cada um, para, dessa maneira, observar as possíveis similaridades e dissimilaridades ideológicas e de estratégia política entre os objetos enunciados. Desse modo, é factível determinar e analisar as possibilidades, perspectivas e práticas de relações entre movimentos fascistas não tão próximos, levando em conta a distância territorial, as diferenças de tradições culturais e linguísticas e os anseios e estratégias políticas de cada grupo.

Adrien Arcand, o fascismo canadense e o antissemitismo

O surgimento do fascismo no Canadá ocorreu a partir dos anos 1920, com pequenos grupos inspirados no modelo italiano. No entanto, com a ascensão nazista em 1933, os militantes fascistas – sobretudo da porção oeste do país – passaram a se organizar por meio dos Swastika Clubs, agremiações de evidente tendência racista e antissemita. No mesmo ano, William Whittaker fundou o Canadian Nationalist Party (CNP), de inspiração antissemita e postura pró-império. Em 1934, Howard Simpkin, então membro do CNP, liderou uma dissidência do grupo ao fundar a Canadian Union of Fascists (CUF), filial da British Union of Fascists (de

Oswald Mosley), que pregava um modelo baseado no fascismo italiano, abandonando o discurso antissemita da CNP³.

Esses grupos, contudo, perderam espaço gradativamente à medida que Adrien Arcand consolidava a sua ascensão no cenário fascista canadense, levando seu epicentro da região oeste do país para Quebec. No início da década de 1930, Adrien Arcand e Joseph Ménard fundaram alguns periódicos, como *Le Goglu* (1929), *Le Mioir* (1930) e *Le Chameau* (1930), como estratégia de operacionalização política do antissemitismo.

Em 1929, eles fundaram a Orde Patriotique des Goglus, de inspiração fascista. A partir desse momento, Arcand intensificou o contato com o fascismo internacional, garantindo apoio político e financiamento para futuras investidas. Por causa do discurso antissemita veiculado nos jornais citados, A. Arcand e J. Ménard enfrentaram vários processos na justiça movidos por judeus, razões determinantes para o encerramento das atividades desses periódicos.

No ano de 1933, foi inaugurado um novo jornal, *Le Patriote* e, no ano posterior, formalizada a fundação do Parti National Social Chrétien (PNSC) e do jornal *Le Fasciste Canadien*, intensamente inspirado pelo corporativismo fascista e pelo discurso racista do nazismo, fazendo uso inclusive de suásticas, uniformes e outros aparatos e exterioridades simbólicas do modelo alemão.

Em 1938, Adrien Arcand alcançou o posto de maior líder do fascismo canadense, após fundir o PNSC com o CNP de Whittaker e um pequeno grupo fascista de Ontário (Ontario Nationalist Party, de Joseph Farr). Em 4 de julho daquele ano, após uma convenção realizada em Toronto, formalizou-se a junção desses grupos sendo criado o National Socialist Unity Party (NSUP), sob liderança de Arcand.

³ Sobre o fascismo canadense, conferir a bibliografia canadense citada nos seguintes trabalhos: BERTONHA, João Fábio. Do Canadá para o mundo: as relações entre os fascismos canadenses e o universo fascista mundial entre as duas guerras mundiais. *Interfaces Brasil/Canadá* (Impresso), v. 13, p. 167-191, 2011; BERTONHA, João Fábio. Entre Mosley, Whittaker e Plínio Salgado: interfaces entre o universo fascista do Brasil e do mundo anglo saxão. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 1, n. 2, p. 129-144, 2002.; BERTONHA, João Fábio. O fascio, a suástica e a maple leaf: o fascismo no Canadá do entreguerras. *Interfaces Brasil/Canadá*, n. 11, pp. 191-214, 2010.

Essa iniciativa, que na perspectiva de Arcand garantiria uma maior amplitude e a conquista de poder político para o partido, teve resultado diametralmente oposto, visto que o NSUP não conseguiu se estabelecer no cenário político canadense, determinando o fracasso político do grupo e, conseqüentemente, do próprio Arcand. O líder fascista buscou, ainda, atrair militantes e apoio para sua causa, mas, no ano de 1939, no início da Segunda Guerra Mundial, foi preso juntamente com diversos militantes e dirigentes de partidos fascistas.

Embora o antissemitismo tenha garantido destaque ao discurso de Adrien Arcand e às suas investidas políticas, é possível notar que tal preconceito já existia no Quebec desde anos antes, nos círculos da igreja. A base do antissemitismo no período era, efetivamente, a Igreja Católica, constituída basicamente por setores da elite francófona inspirada pelas personagens mais radicais do conservadorismo católico. A extensão desse sentimento é ainda tema de debate na historiografia canadense – especialmente nas polêmicas obras de Esther Delisle (1993 e 1998) –, mas é inegável que, em algum nível, ele existia.

Essa questão, aliás, desdobrou-se no enorme debate relacionado à figura do padre Lionel Groulx, o qual, entre os anos 1920 e 1929, foi diretor da *Action Française Québécoise* e colaborou, com seus inúmeros textos, para reforçar o traço antissemita já existente há um bom tempo na sociedade do Quebec. Lionel Groulx, na realidade, se encaixava mais na categoria de conservador católico do que propriamente de fascista⁴, mas tinha simpatia por Mussolini. Do mesmo modo,

⁴ O debate para caracterizar padre Groulx e seu pensamento é intenso no Canadá e se relaciona com uma discussão maior, para avaliar o grau de antissemitismo existente no Quebec e no Canadá como um todo. Ver os textos de Esther Delisle e os de Gérard Bouchard (BOUCHARD, Gérard et alii. *Juifs et canadiens français dans la société québécoise*. Montreal: **Éditions** du Septentrion, 2000; e BOUCHARD, Gérard. *Les deux chanoines: contradiction et ambivalence dans la pensée de Lionel Groulx*. Montreal: Les Éditions du Boreal, 2003.) para o debate. Também esclarecedor é o trabalho de Xavier Gélinas (GÉLINAS, Xavier. *La droite intellectuelle québécoise et la Révolution tranquille*. Lévis: Les Presses de l'Université Laval, 2007),

embora Groulx não tenha oficialmente produzido obras com teor antissemita explícito, consolidou-se como líder intelectual de alguns autores abertamente antissemitas, como Henri Bourassa, fundador do jornal ultra-conservador *Le Devoir* (1910), que reproduzia textos contrários à presença judaica no Canadá, assim como na França (Anctil, 2003). Bourassa chegou, inclusive, a fazer um discurso na House of Commons (uma das câmaras do Parlamento canadense) no ano de 1905, conclamando para que o Canadá restringisse toda e qualquer imigração judaica.

Ainda que alguns dos pressupostos políticos defendidos por essa parcela da sociedade pudessem se aproximar do – ou serem confundidos com o – fascismo, o antissemitismo foi operacionalizado como bandeira política pelo fascismo canadense, ao mesmo tempo em que este só conseguiu publicidade por meio do radicalismo antissemita. Isso se deu na maioria dos movimentos, mas foi ainda mais forte nas iniciativas políticas de Adrien Arcand.

A atuação de Arcand em face do antissemitismo fascista deu, de fato, um caráter político à questão. A politização do antissemitismo proporcionou, inclusive, disputas judiciais envolvendo Arcand e alguns representantes da comunidade judaica (Anctil, 1999). No verão de 1932, A. Abugov – comerciante judeu residente na cidade de Lachine, ao sudoeste da província de Quebec – moveu processo contra Arcand, em virtude dos textos antissemitas veiculados nos periódicos *Le Goglu* e *Le Miroir*.

Abugov acusava a campanha de ódio movida por Arcand contra a coletividade judaica, caracterizando-a como um “ataque psicológico”. No entanto, tal ação não resultou na condenação de Arcand, pois a corte local afirmou que o processo só seria cabível caso fosse um crime contra uma pessoa determinada e não contra uma coletividade. Por causa do fracasso dessa iniciativa, Peter Bercovitch e Joseph Cohen, também representantes da comunidade judaica, apresentaram no mesmo ano um projeto de lei para a legislatura municipal, buscando enquadrar casos que envolvessem coletividades, justamente em vista do episódio envolvendo Adrien Arcand. Tal ação abriu prerrogativa para a citada crise financeira que acometeu Arcand, em razão das

ações judiciais relacionadas à veiculação e reprodução de textos antissemitas em seus periódicos.

Além das batalhas judiciais, o grupo de Arcand se notabilizou por alguns enfrentamentos e ataques físicos contra judeus. No ano de 1934 (Anctil, 1999:159), houve relatos sobre alguns conflitos de rua envolvendo militantes partidários de Arcand e judeus, além de protestos com tons antissemitas.

Os discursos antissemitas produzidos e reproduzidos nos jornais de Adrien Arcand estavam em consonância com os dos grupos fascistas mais radicais existentes no período, inclusive com o referencial nacional-socialista alemão. É possível observar, portanto, a categorização do judeu como agente do mal absoluto, ser intrinsecamente conspiratório, dominador e contra o tradicionalismo da sociedade cristã. Ademais, Arcand denunciava a presença maligna dos judeus em diversos sistemas políticos e econômicos tidos como perniciosos pelo seu grupo, isto é, a democracia, o liberalismo e o comunismo, os quais seriam todos eles engendrados por um plano judaico de dominação mundial (Medresh, 2001:160).

Em algumas edições do jornal *Le Goglu*, constata-se a veiculação de charges e caricaturas que representavam o judeu como um ser extremamente ganancioso e dissimulado. Na edição de 16 de setembro de 1932, por exemplo, há a representação de vários corpos de pessoas falecidas próximos a igrejas e escolas em meio ao fogo. Sobre os mortos, um judeu, trajando roupa preta, posiciona uma espécie de fantoche de outro judeu – embora este tivesse feição benevolente – com as seguintes inscrições por sobre a roupa: “*persecute, martyr, victime*”, devidamente posicionadas sobre placas indicativas de Espanha e Rússia.



Figura 1 – “Le Juif persecuteur et sanguinaire se cache derriere un masque de victime” (Le Goglu, 16 de setembro de 1932, p. 6).

O título “*Le juif persecuteur et sanguinaire se cache derriere um masque de victime*”, de relação evidente com a charge, acompanha um pequeno texto, no qual os judeus eram apontados como organizadores da revolução *bolchevique* e responsabilizados pela morte de “40 milhões” de cristãos. Já na Espanha, os judeus, entre outras acusações, eram responsabilizados por articular o esfacelamento das tradições morais, o dismantelamento de ordens religiosas e a destruição de inúmeras igrejas e conventos.

Na edição de 16 de outubro de 1931, os judeus também foram representados por meio de feições malignas, dirigindo uma espécie de automóvel rolo compressor a destruir novamente

edificações escolares e religiosas. Já na edição de 15 de janeiro de 1932, há uma charge na qual um judeu aparece sobre um cofre, com a inscrição “*Argent des chrétiens Russes*”, em meio a inúmeros corpos humanos, em um banho de sangue, presente também nas mãos do judeu em questão e na carteira que ele insere no bolso de seu paletó.



Figura 2 – Le Goglu, 15 de outubro de 1931, p. 6.

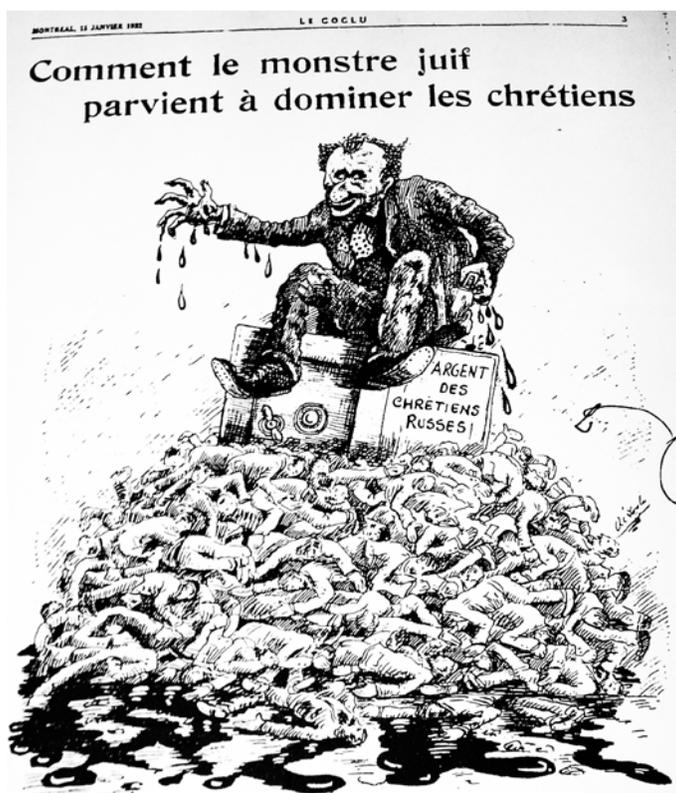


Figura 3 – *Le Goglu*, 15 de janeiro de 1932, p. 3.

Tal estratégia discursiva foi também reproduzida em edições do *Le Fasciste Canadien*, no qual os judeus eram atacados de modo enfático e chamados de “ratos, porcos, raça degenerada, descendentes de Judas, representantes de Satanás, etc.”. Além do próprio radicalismo do discurso, a questão antissemita desempenhou papel essencial – e até mesmo prioritário – no fascismo de Arcand. De acordo com levantamento realizado por René Durocher (1978), o antissemitismo esteve presente em 62,4% de um conjunto de exemplares analisados do jornal citado.

Presença assídua nos diversos periódicos do fascismo canadense, o teor desse antissemitismo certamente não foi uma

inovação do grupo de Arcand, tampouco do próprio fenômeno fascista. Há de se notar, inclusive, que diferentemente do caso alemão, o antissemitismo de Adrien Arcand inseriu constantemente o aspecto da suposta “destruição do cristianismo” pelo agente judaico. Dessa maneira, portanto, além do antissemitismo de inspiração nazista, Arcand fazia referência aos teores típicos dos “Protocolos dos Sábios de Sião”, obra apócrifa e falsificação histórica que denunciava a existência de uma suposta conspiração judaica de dominação mundial.

Além disso, a persistência da denúncia do judeu como agente essencialmente anticristão se vincula ao próprio antissemitismo de estrato religioso, ainda que com motivação evidentemente política. Por esse motivo, é possível supor também a relação existente entre Arcand e a tradição antissemita francesa, principalmente de autores como Léon de Poncins, jornalista e fervoroso católico conservador, que além de traduzir uma versão francesa dos “Protocolos” (1921), foi autor de “As forças secretas da Revolução” (1928), no qual defende a ideia da existência de um complô judaico visando à destruição do cristianismo na França e em todo o mundo (Poncins, 1937).

Gustavo Barroso, o integralismo e o antissemitismo

Assim como no caso do fascismo de Arcand, a Ação Integralista Brasileira (AIB) surgiu em meio a um contexto de diversos pequenos movimentos e partidos de tendência fascista e protofascista no país, em disputa pela militância e pela inserção na agenda política nacional. Grupos como a Ação Social Brasileira, de J. Fabrino; o Partido Nacional Sindicalista, de Olbiano de Mello; e a Legião Cearense do Trabalho, do Tenente Severino Sombra, tinham algumas – ou diversas – semelhanças com o fascismo, sobretudo no aspecto da defesa do corporativismo estatal fascista. Outra semelhança entre esses grupos, no entanto, foi a quase total irrelevância no cenário político brasileiro. Dentre tais grupos, apenas a Legião Cearense do Trabalho conseguiu relativo sucesso, mas ficou restrita basicamente à atuação nos limites do estado do Ceará.

Fundada em 1932, a AIB contou com um grande contingente militante que, oficialmente, gravitava em aproximadamente 1 milhão de camisas e blusas verdes, mas, em números mais verossímeis, chegava a cerca de 300 a 400 mil membros (ou menos ainda), algo que, de qualquer modo, era um indicativo de sucesso para as condições da época. Além da grande militância, o integralismo conseguiu se estabelecer em todas as regiões do país, consolidando o aspecto nacional do movimento/partido.

Para garantir essa amplitude e sobretudo o controle da militância, o integralismo contou com uma rígida hierarquia, um rico aparelho simbólico e uma extensa rede de jornais e periódicos, que divulgavam a doutrina do Sigma e auxiliavam no processo de formação dos novos e já estabelecidos quadros de militantes. Influenciado pelo fascismo italiano, o integralismo preconizava a implantação do Estado integral, baseado no corporativismo italiano e em um discurso que pregava a “revolução espiritual”, dialogando com os setores ultraconservadores da Igreja Católica.

Tratando-se de um movimento fascista, questões caras como o racismo eram manejadas e articuladas com extremo cuidado no discurso integralista. Além da existência de uma estratégia política voltada para a não radicalização do discurso integralista, havia a necessidade determinada pela própria configuração da sociedade brasileira, multiétnica e multicultural. Dessa maneira, o integralismo repetia incessantemente um discurso de união da nação em que as diferenças sociais seriam suprimidas – e resolvidas – sob o signo do sigma.

O discurso integralista, mais tolerante do que alguns congêneres fascistas, não foi impeditivo, no entanto, para o surgimento de uma ala mais radical no movimento, ligada justamente à questão do antissemitismo e sinalizando, inclusive, a possibilidade de aproximação ideológica do integralismo com outros grupos mais radicais, sobretudo do nazismo.

Ainda que a hierarquia explícita do integralismo buscasse determinar a imagem do movimento como um grupo coeso e portador de uma ideia e uma postura monolíticas, dentro da própria militância e da filosofia integralista era possível perceber e constatar a existência de alguns grupos que, de certo modo, eram

divergentes entre si. Além da aproximação constante com o ideal fascista italiano, havia algumas obras e discursos integralistas que se aproximavam de um conservadorismo semelhante ao de setores da Igreja Católica. Além destes, havia também uma tendência antissemita na AIB, corrente interna não explícita no movimento, mas que exercia relativo poder dentro do integralismo.

Entre os diversos militantes e ideólogos do movimento que eram explicitamente antissemitas, a função de representante maior dessa ala era indubitavelmente exercida pelo chefe das milícias integralistas, Gustavo Barroso, advogado, político e escritor natural da capital cearense. Apesar de não ter participado das Sociedades de Estudos Políticos (antessala do integralismo) e do processo de fundação da AIB (aderiu às fileiras do Sigma em 1933), Barroso ocupou uma posição central na hierarquia integralista ao lado de Plínio Salgado e Miguel Reale.

Ao se filiar à AIB, Barroso já era autor de relativo sucesso nacional e membro da Academia Brasileira de Letras. No entanto, diferentemente das obras integralistas publicadas pelo autor, os títulos anteriores à fase verde não apresentavam uma abordagem antissemita, inclusive raramente mencionando personagens judeus. O conjunto de obras integralistas de Gustavo Barroso, entretanto, teve o antissemitismo como elemento ideológico central. A grande maioria dos livros integralistas de Gustavo Barroso era destinada a denunciar o suposto complô judaico de dominação internacional e a inserir a percepção da “ação ativa” dos judeus na maioria dos problemas nacionais.

Dessa maneira, as supostas ações dos judeus seriam notadas por Barroso desde o Brasil Colônia até o processo de independência (Barroso, 1936b) e, sobretudo, na ação política em planos não institucionais; nas ações submersas por meio de grupos políticos, da maçonaria, de indivíduos defensores do liberalismo e de “agentes” do comunismo internacional.

A função final dessa dinâmica orquestrada em planos subalternos seria, para Barroso, a destruição do cristianismo e a implantação de um governo ditatorial nas mãos dos judeus, que minaria todos os focos de resistência nacional(ista) e implantaria um regime de ódio, horror e destruição.

Ainda que alguns elementos do antissemitismo barrosiano demonstrem relação com o antissemitismo típico do medievo, como é o caso, por exemplo, da acusação de prática de deicídio pelos judeus, o mote discursivo encontrava eco no antissemitismo característico dos anos 1930, sobretudo nos discursos influenciados pelos “Protocolos” e outras obras similares. Cabe ressaltar, inclusive, que Gustavo Barroso foi o responsável pela produção da primeira edição dos “Protocolos” no Brasil, após traduzir e comentar (“apostilar”) uma edição em língua francesa – possivelmente de autoria de Léon de Poncins –, que teria recebido do camisa-verde Madeira de Freitas (Barroso, 1937:162).

A influência de Poncins no antissemitismo de Gustavo Barroso era evidente, a ponto de o escritor reproduzir a seguinte frase do autor francês na epígrafe de *Brasil: Colônia de banqueiros*: “Trotski e Rotschild marcam a amplitude das oscilações do espírito judaico; estes dois extremos abrangem toda a sociedade, toda a civilização do século XX”. Apesar do radicalismo da intolerância antissemita apresentado em diversas obras, Gustavo Barroso buscava contradizer a classificação racista de seu discurso, invertendo os polos e afirmando que, na verdade, os judeus que seriam um povo verdadeiramente racista, caracterizando o antissemitismo expresso em suas obras como estratégia “antirracista” e críticas àqueles “verdadeiramente” racistas (Barroso, 1937b).

Sobre essa questão, é possível que, além das determinações geradas pelo contexto nacional do período, houvesse também pressão por parte do próprio núcleo hierárquico integralista. Visto que o discurso de Gustavo Barroso despertava críticas endógenas e exógenas, o radicalismo dele e de alguns outros integralistas⁵ evidenciava uma ala interna no movimento, o que poderia ser reconhecido como quebra de ordem hierárquica.

Plínio Salgado chegou inclusive a criticar publicamente Gustavo Barroso por meio de carta divulgada pelo periódico integralista “Panorama” (1 (4-5), abril-maio, 1936), afirmando

⁵ Acerca do antissemitismo no integralismo, além de Gustavo Barroso, cf. CALDEIRANETO, Odilon: *Sob o Signo do Sigma: integralismo, neointegralismo e o antissemitismo*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2014.

que “o problema do mundo é ético e não étnico” e buscando desqualificar a presença do antissemitismo no discurso integralista. No entanto, as críticas de Plínio Salgado não significaram o cessar da atividade antissemita de Gustavo Barroso.

As obras integralistas do autor seguem, portanto, um enredo no qual são apresentadas as questões problemáticas para, em um segundo momento, “evidenciar” a presença judaica no cerne destas, ainda que em um plano secundário. Dessa maneira, somente o integralismo teria a capacidade de, na então conjuntura política brasileira, compreender a amplitude do “problema judaico” e, conseqüentemente, de resolvê-lo.

Todavia, isso não significou a adesão explícita de outros proeminentes ideólogos dos camisas-verdes às teses antissemitas de Barroso. De fato, o radicalismo no discurso do escritor o alçou à condição de não somente o mais radical entre os mais importantes líderes da AIB, mas também de maior nome da literatura antissemita brasileira, pois, além de traduzir e comentar os “Protocolos” e de reproduzir o discurso do complô judaico de dominação mundial em várias de suas obras, ele se valeu da amplitude do movimento integralista (e, sobretudo, da imprensa da AIB) para disseminar e doutrinar diversos militantes de acordo com sua cartilha antissemita.

Além de “materializar” o radicalismo na figura de chefe das milícias integralistas, o discurso antissemita de Gustavo Barroso proporcionou a possibilidade de diálogos e conexões entre o integralismo e outros movimentos típicos do radicalismo antissemita, principalmente na questão das relações interfascistas e interfascismos.

O antissemitismo de Barroso e Arcand no diálogo e na relação entre fascismos

O antissemitismo, tomado como aspecto da radicalização dos discursos e movimentos fascistas, estabeleceu-se como categoria não somente por conta do próprio teor discursivo e da prática intolerante contra os judeus, mas também pelas possíveis similaridades evidenciadas entre alguns congêneres fascistas, em especial o nacional-socialismo alemão.

Ainda que alguns grupos fascistas e conservadores tenham manifestado desprezo e intolerância contra os judeus, o nazismo já demonstrava, desde os primeiros momentos do regime, um intenso radicalismo, que viria a desembocar na perseguição e tentativa de extermínio dos judeus por toda a Europa.

Ao se considerar o antissemitismo além dos limites do nazismo, é possível notar, por meio da breve abordagem sobre os casos canadense e brasileiro, que esse discurso intolerante pautou uma diferenciação não apenas entre os diversos movimentos fascistas, mas também na estrutura interna de alguns deles, como foi o caso do antissemitismo integralista de Gustavo Barroso e outros autores.

Com base nesse aspecto, o antissemitismo de Adrien Arcand e Gustavo Barroso tinha um diferencial evidente e, em certo sentido, circunstancial: os movimentos liderados por Arcand não o tinham apenas como uma bandeira em comum com outros movimentos fascistas. O discurso de ódio contra os judeus desempenhava papel central na ideologia do movimento, sobretudo pela aproximação – que beirava o mimetismo – com o nazismo e, em menor instância, por uma tradição antisemita já arraigada em determinados setores conservadores canadenses, sobretudo no Quebec, local de gestação e construção das iniciativas institucionalizadas de Arcand.

Ainda que o discurso antisemita de Arcand tenha causado transtornos ao candidato à “Führer canadense” e dificultado algumas articulações políticas, não haveria a “necessidade” – ou melhor, a possibilidade – de suavizar, retirar ou explicar esse discurso, tendo em vista a sua centralidade no arcabouço discursivo e ideológico do grupo de Arcand. É plausível supor, inclusive, que as sanções e limitações judiciais impostas a tal grupo por conta do antissemitismo tenham sido tomadas como elemento determinante para a “necessidade” da persistência desse discurso e prática intolerante.

Já no caso do integralismo, o antissemitismo era tratado de modo extremamente cauteloso. Em primeiro lugar, havia a condição do discurso integralista em favor da união das diferenças, a supressão das desigualdades e da “revolução espiritual”. Ainda

que tais elementos discursivos não afastassem o integralismo de práticas intolerantes e autoritárias, havia uma tendência em suavizar o radicalismo em várias frentes, inclusive na questão do antissemitismo. Seria na suposta “tolerância” integralista, baseada na tradição cristã do povo brasileiro, que o movimento buscava soluções para as divisões existentes.

A tal fato, adiciona-se o fator da existência de uma corrente interna no movimento integralista, liderada por Gustavo Barroso, que, conforme visto, era determinada justamente pelo discurso antissemita. A existência dessa corrente interna era perniciosa ao movimento em dois sentidos: a discrepância entre o discurso antissemita de Barroso e a propaganda ideológica do integralismo, bem como a possibilidade de quebra hierárquica por meio do fortalecimento – e, porventura, materialização – de uma facção e uma militância ideológica antissemita autônoma na AIB.

Essas condições, ainda que tivessem limitado a abrangência, a incidência e a disseminação do antissemitismo dentro do integralismo, não determinaram o cessar da atividade literária antissemita de Gustavo Barroso, que persistiu mesmo após as críticas públicas do chefe nacional dos integralistas.

Colocando lado a lado o fascismo integralista e o de Adrien Arcand – ainda que o papel desempenhado pelo antissemitismo em cada caso tenha sido divergente, sobretudo pelo caráter explícito de Arcand e o “explicativo” de Barroso e do integralismo –, há uma aproximação evidente, principalmente nas similaridades entre os dois discursos. Conforme mencionado anteriormente, a relação entre os grupos fascistas existentes na época era pautada principalmente nas bandeiras em comum, ainda que os métodos se apresentassem de maneiras diversificadas.

O apreço de Gustavo Barroso pelo fascismo antissemita de Adrien Arcand pode ser notado na obra *O Integralismo e o mundo*, lançada originalmente em 1936. Nessa obra, o autor faz um apanhado geral sobre alguns dos movimentos fascistas então existentes ao redor do mundo sob uma perspectiva analítica e discursiva que privilegiava a configuração do fascismo integralista, tido como o melhor “exemplo” dentre tantos, principalmente para a realidade brasileira.

Ao tratar do fascismo canadense de Adrien Arcand, Gustavo Barroso ressalta, não por acaso, a “heroica” luta do líder fascista canadense contra o judaísmo e suas atitudes “perniciosas” (Barroso, 1937b:53). Para o autor integralista, residiria na iniciativa de Arcand a possibilidade de livrar o Canadá do “jugo da finança judaica”. Ao lutar contra a “Raça que odeia o arado e a enxada”, Arcand estaria assumindo a luta não somente em prol da sociedade canadense, mas de toda uma civilização, o que, na concepção *barrosiana* da história, compreendia a luta entre a civilização cristã e a civilização ateísta / judaica / capitalista / comunista⁶.

Nota-se, portanto, que, entre as possibilidades de contato entre Arcand e Gustavo Barroso, o elo encontrado foi o antissemitismo, justamente por ser um ponto em comum – talvez o mais visível entre os vários possíveis.

No entanto, é curioso notar que o trecho da obra de Barroso sobre o fascismo de Arcand suprimiu a crítica presente no texto “O fascismo no Canadá”, veiculado no jornal integralista “A Offensiva”. No texto original (Barroso, 1934), Barroso fez uma ressalva sobre “a violência dos processos” do grupo de Arcand. A supressão dessa crítica pode ser compreendida como uma estratégia mobilizadora da obra (Barroso, 1936), tal qual citado, isto é, o caráter universal do fenômeno fascista e o papel do integralismo em face do processo citado.

A ausência da crítica anteriormente efetuada tinha relação, provavelmente, com os interesses de Barroso e do integralismo naquele momento. Talvez o autor tenha decidido reescrever seu artigo por considerar que uma defesa dos métodos violentos aumentasse suas chances no debate interno com Salgado sobre os métodos e meios para a conquista do poder pelo integralismo. Afinal, como se percebe em avaliações como as de Murilo Paschoaletto (2012) e Jefferson Rodrigues Barbosa (2007), o noticiário internacional era sempre trabalhado, nas publicações integralistas, com vistas aos fins políticos locais e a diferença entre os textos, provavelmente, tem a ver com essa questão.

⁶ Ver MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild Nem Trotsky*. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

No caso de Adrien Arcand, por sua vez, há indícios que comprovam a ocorrência de uma troca de correspondências entre o líder fascista canadense e o chefe das milícias integralistas, diálogo estabelecido justamente por conta do discurso antissemita. Na edição de outubro de 1936 do jornal *Le Fasciste Canadien*, Arcand publicou o artigo “*La bataille Fasciste au Brésil*” (Barroso, 1936), de autoria de Gustavo Barroso, no qual o autor integralista traçou um panorama das atividades dos integralistas no cenário político brasileiro.

O artigo relatou especialmente os eventos relacionados à chamada *Intentona Comunista*, ocorrida em 1935, dando ênfase ao posicionamento dos integralistas, que teriam oferecido serviços ao chefe da nação e a chefes militares, buscando conter as atividades insurrecionais dos integrantes da Aliança Nacional Libertadora, de Luís Carlos Prestes. Ao abordar o perigo da articulação de grupos esquerdistas na política brasileira, Gustavo Barroso atentou para o suposto caráter “judaico-bolchevista” dessas iniciativas, que seriam apenas mais uma etapa de tentativa de domínio soviético no Brasil, iniciativa liderada por forças judaicas.

Portanto, caberia ao integralismo lutar e combater essas iniciativas, inclusive contra a “imprensa judaica” e as forças liberais. No conturbado contexto político brasileiro de então, com a república liberal e a social-democracia definitivamente “mortas”, restariam apenas duas alternativas à nação brasileira: a transformação em “colônia soviética” (o que, na ótica do integralista, significaria o domínio das forças judaicas pertencentes ao complô internacional de governança) ou a égide da nação integralista e corporativa, o Estado Integral, única salvação possível para a sociedade brasileira.

A presença do integralismo em páginas do *Le Fasciste Canadien* não seguiu apenas a ordem exógena de produção. Em junho de 1938, momentos após a dissolução da AIB por Getúlio Vargas, o jornal canadense veiculou a seguinte matéria – “*Que passe-t-il au Brésil*” (Arcand, 1938:06). No texto, Arcand lamentou o fim do integralismo (ao menos em sua forma institucionalizada de então), destacando o “enorme” contingente – devidamente inflacionado – de militantes: 1,2 milhão de membros.

Para o líder fascista canadense, o processo que culminou com o fim da AIB não havia sido causado por conjecturas da política interna brasileira ou mesmo por uma possível fragilidade organizativa integralista, mas sim por uma iniciativa judaica, visando ao desmantelamento de um movimento que estabelecia confrontos com os interesses da elite judaica internacional.

A similaridade então existente entre alguns dos pressupostos defendidos pelo integralismo e algumas práticas do Estado Novo (o qual é caracterizado, ironicamente, de “kosher”) seriam, para Arcand, apenas uma estratégia para ludibriar o povo brasileiro por meio de uma constituição e de práticas voltadas aos interesses judaicos, inclusive com um convite aberto do presidente aos judeus para que viessem “fazer fortuna no Brasil”.

No mesmo texto, Franklin Roosevelt é apresentado como o maior representante e agente público dos interesses judaicos, sobretudo norte-americanos. Cabe ressaltar, ainda, que Gustavo Barroso foi autor de uma obra (*Roosevelt es judío*) na qual é “denunciada” a suposta ancestralidade judaica de Roosevelt, o que comprovaria ações de um complô judaico presente em diversos governos nacionais. A obra de Barroso foi traduzida para a língua castelhana por Mario Buzatto, e publicada nos “Cuadernos Antijudios” no ano de 1938⁷.

Essas ocorrências evidenciam, portanto, que havia indícios da existência de uma rede de troca de informações e materiais informativos, a fim de noticiar ou mesmo propagandear as ações de um grupo específico. Ainda que a percepção que tais grupos tinham sobre eles próprios – ou mesmo acerca de seus aliados – fosse distante da realidade, ela indica a compreensão do fascismo como um fenômeno internacional.

Convém explicitar melhor esse ponto. No estudo dos jornais e documentos integralistas (Paschoaletto, 2012), fica evidente que o olhar da AIB se dirigia mais aos polos centrais do universo

⁷ Cf. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Sob a máscara do nacionalismo: Autoritarismo e anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945). *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*. Volume 1, N. 1, Enero-junio 1990. Disponível em: < http://www.tau.ac.il/eial/l_1/carneiro.htm > (acesso em 12 fev. 2011).

fascista – a Itália, a Alemanha e também a Portugal –, ainda que isso não impedisse, claro, uma atenção geral ao fascismo europeu e mundial. Do mesmo modo, os nacionalistas argentinos olhavam com mais curiosidade para a experiência espanhola (além das onipresentes Itália e Alemanha), enquanto os do Uruguai, curiosamente, interessavam-se especialmente pelo integralismo brasileiro (Almeida, 2014; Marques, 2014). Já no caso dos fascistas canadenses, o olhar central era sempre dirigido, além de Berlim e Roma, para os outros países de língua inglesa e a França (Bertonha, 2011).

Isso indica que os parâmetros de contato eram determinados, em boa medida, pelos vínculos geográficos, linguísticos e culturais. Tal fato não impedia, contudo, que ligações mais amplas fossem forçadas, até por conveniência política. Dessa forma, embora determinados grupos fossem explicitamente divergentes entre si (mas não antagônicos), sobretudo por conta do extremismo nacionalista nos movimentos fascistas, a similaridade era tratada não somente como uma mera coincidência, mas também como motivo de diálogo e, porventura, luta comum. Isso auxilia a explicar, em parte, o porquê da ausência de críticas de Barroso aos procedimentos do grupo de Arcand, ao menos em um segundo momento, justamente por que estavam inseridos no sentimento de pertencimento a uma nova “onda” da política internacional.

A perspectiva analítica do fascismo como fenômeno internacional evidencia, portanto, que a tentativa de estabelecer diálogos em seu panorama servia, para os próprios movimentos, como um princípio legitimador, pois eles atestariam a urgência do fascismo como princípio de resolução que supostamente afligia todo o mundo (sobretudo a porção ocidental), além da legitimação, da construção e da consolidação de uma identidade perante o próprio movimento, visto que os diálogos interfascistas agregariam o valor de legitimação do “mundo fascista” às iniciativas abordadas, fosse do grupo de Arcand ou do de Barroso.

Tal fato ajuda a explicar, também, o porquê do diálogo entre os fascistas canadenses e brasileiros ter se dado, até onde se tem conhecimento, de maneira relativamente superficial ou mesmo espasmódica, enquanto ambos davam uma atenção muito maior,

em níveis diferentes, para a Alemanha, a Itália, a Inglaterra ou Portugal. Para canadenses e brasileiros, mencionar e analisar o avanço do fascismo em países tão distantes dava um senso de luta global, mas tais menções e análises não podiam ser (nem eram) profundas e contínuas. Isso se deu tanto pela superficialidade do conhecimento que cada grupo tinha dos contextos político e social nos quais os outros estavam inseridos quanto pela falta de retorno, em termos de propaganda interna, da publicação de notícias sobre o outro em escala maior.

Ainda assim, no entanto, evidencia-se o diálogo entre esses movimentos (dentro de suas premissas, interesses e condições técnicas) em um contexto maior, isto é, a questão do fascismo como fenômeno internacional. Ademais, corrobora-se a questão do antissemitismo como princípio de radicalização do fascismo, de modo endógeno ou exógeno, porém manejado por cada grupo ou ideólogo à sua maneira e com suas especificidades, respeitando, inclusive, as possibilidades e premissas de atuação de cada grupo fascista ora analisado na realidade na qual estavam (ou imaginavam estar) inseridos.

Considerações finais

Apesar da ocorrência da prática antissemita em duas organizações fascistas distintas e distantes, bem como da decorrente conexão/do diálogo entre essas organizações e seus representantes, é necessário indagar sobre as diferenciações constituintes do antissemitismo em Arcand e Barroso e também os métodos utilizados para a instrumentalização política de tal ideário.

Embora Gustavo Barroso tenha sido, conforme atestado pela historiografia competente⁸, o principal autor e introdutor de teses antissemitas na história do Brasil também se inserindo

⁸ Em especial: CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, São Paul, 1992.; e MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild Nem Trotsky*. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

na perspectiva de radicalização fascista com base no próprio antissemitismo, isso não significou a sua absoluta radicalização, ao menos no sentido e parâmetro comparativo disponível: o nacional-socialismo alemão.

Em algum sentido, a tradição antissemita de Barroso se assemelha mais ao antissemitismo de estrato/oriundo do conservadorismo cristão (embora, claro, não exima a perniciosidade desse discurso e sua decorrente operacionalização essencialmente fascista) do que a um racismo biológico típico e tipificado em muito pelo nazismo.

Além disso, o antissemitismo barrosiano há de ser analisado à luz das disputas internas dos camisas-verdes. Por mais que se utilizassem da ideia e do discurso de unidade interna indivisível sintetizada pelo Sigma, o fato é que o integralismo foi palco de disputas de poder das mais distintas, fenômeno inerente a uma organização política.

Não nos parece despropositado supor, dessa maneira, que para além de uma perspectiva ideológica *strictu sensu*, o antissemitismo barrosiano era também (mas não somente) um instrumento de disputa de poder. Afinal, o que explicaria, por exemplo, o fato de Barroso ter supostamente se “esquecido” do antissemitismo após se desligar da experiência integralista? (Caldeira Neto, 2013).

A perspectiva de que o antissemitismo barrosiano era um *locus* de atuação e interlocução integralista (e também interfascismos/ interfascistas) é aparentemente plausível, pois ela se iniciou e terminou durante a trajetória integralista de Gustavo Barroso e foi também o elemento central para suas interlocuções, atuações e indícios de cisões junto à liderança de Plínio Salgado (Trindade, 1979).

Já em Adrien Arcand, o antissemitismo estava próximo às ideias mais radicais, configurando um racismo aparentemente mais biológico do que cultural (ou conservador), ainda que, especialmente no Quebec, a sua difusão tenha bebido intensamente na fonte do antissemitismo católico tradicional. Nota-se, pois, a proximidade ideológica entre as organizações lideradas por Arcand e o antissemitismo nazista, chegando às vias de mimetismo simbólico expresso nas experiências do

fascismo canadense. Além disso, Arcand não foi o introdutor do antissemitismo nessas terras, mas um dos responsáveis pela tentativa de radicalização do antissemitismo fascista.

Em algum sentido, é possível afirmar que, para Arcand, o antissemitismo era uma espécie de razão de ser, de modo que sua experiência e sua prática antissemita não surgiram e se encerraram em uma ou mais organizações fascistas, mas eram traços existentes em sua trajetória intelectual e política, inclusive no negacionismo do holocausto no pós-guerra (Nadeau, 2010).

A forma, o método e o modo das relações entre fascistas, exemplificadas aqui com Gustavo Barroso e Adrien Arcand, sinalizam que esses procedimentos iam além de suas práticas de (auto)reconhecimento ante o fascismo em escala transnacional, sendo operacionalizados por razões de disputas de poder internas, fosse para a questão da liderança e centralidade antissemita integralista em Gustavo Barroso ou para a tentativa de demonstrar uma suposta “universalidade” dos teores expressos em Arcand, assim como sua liderança junto aos fascistas canadenses.

Embora aparentemente efêmero e residual, o diálogo Arcand-Barroso auxilia, assim, a compreender as redes de cooperações e disputas que permearam e marcaram o universo da sonhada “internacional fascista” e, além disso, a tomá-las não como um bloco monolítico e mimético, mas como radicalidades gradacionais, inclusive dentro de um bloco do “fascismo radical”, isto é, do antissemitismo dentro do fascismo na qualidade de fenômeno internacional no entreguerras.

Referências

ALMEIDA, Daniela Moraes de. *Similaridades e divergências: as relações entre a Ação Integralista Brasileira, a Legión Cívica Argentina e outros movimentos nacionalistas na década de 1930*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

ANCTIL, Pierre. Finding a Balance in a Dual Society: The Jews of Quebec. in: MENDELSON, Ezra. Jews and the State: Dangerous Alliances and the Perils of Privilege. *Studies in Contemporary Jewry*, Volume XIX, Oxford University Press: Oxford, 2003.

ANCTIL, Pierre. Interlude of Hostility: Judeo-Christian Relation in Quebec in the Interwar Period, 1919-39. In: DAVIES, Alan (org.) *Antisemitism in Canada: history and interpretation*. Wilfrid Laurier University Press: Ontario, 1999, p. 157.

ARCAND, Adrien. Que se passe-t-il au Brésil. *Le Fasciste Canadien*, jun. 1938, p. 06.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Sob a sombra do Eixo. Camisas-verdes e o jornal integralista Acção (1936-1938)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

BARROSO, Gustavo. *Brasil – Colônia de Banqueiros (História dos empréstimos de 1824 a 1934)*. 5. Ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936b.

BARROSO, Gustavo. La bataille Fasciste au Brésil. *Le Fasciste Canadien.*, out, 1936, p. 5.

BARROSO, Gustavo. O Fascismo no Canadá. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano I, n. 19, 20 set. 1934.

BARROSO, Gustavo. *O Integralismo e o mundo*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937b.

BARROSO, Gustavo. *Reflexões de um bode*. Rio de Janeiro: Gráfica Educadora Ltda., 1937, p. 162.

BERTONHA, João Fábio. “A Questão da “Internacional Fascista” no mundo das relações internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista.” *Revista Brasileira de Política Internacional* v. 43, n 1, p. 99-118, 2000.

BERTONHA, João Fábio. Do Canadá para o mundo: as relações entre os fascismos canadenses e o universo fascista mundial entre as duas guerras mundiais. *Interfaces Brasil/Canadá* (Impresso), v. 13, p. 167-191, 2011;

BERTONHA, João Fábio. Entre Mosley, Whittaker e Plínio Salgado: interfaces entre o universo fascista do Brasil e do mundo anglo saxão. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 1, n. 2, p. 129-144, 2002.

BERTONHA, João Fábio. Los fascismos en América Latina. Ecos europeos y valores nacionales en una perspectiva comparada. In BERTONHA, João Fabio & SAVARINO, Franco (orgs.). *El fascismo en Brasil y América Latina. Ecos Europeos y desarrollos autóctonos*. México (DF), ENAH, 2013.

BERTONHA, João Fábio. O fascio, a suástica e a maple leaf: o fascismo no Canadá do entreguerras. *Interfaces Brasil/Canadá*, n. 11, pp. 191-214, 2010.

BOUCHARD, Gérard et alii. *Juifs et canadiens français dans la société québécoise*. Montreal: Éditions du Septentrion, 2000.

BOUCHARD, Gérard. *Les deux chanoines: contradiction et ambivalence dans la pensée de Lionel Groulx*. Montreal: Les Editions du Boreal, 2003.

CALDEIRA NETO, Odilon. *Sob o Signo do Sigma: integralismo, neointegralismo e o antissemitismo*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2014.

CALDEIRA NETO, Odilon. Gustavo Barroso e o esquecimento: integralismo, antissemitismo e escrita de si. *Cadernos do Tempo Presente*, n. 14, out/dez. 2013, p. 44-56.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Sob a máscara do nacionalismo: Autoritarismo e anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945). *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*. Volume 1, N. 1, Enero-junio 1990. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/eial/I_1/carneiro.htm>. Acesso em 12 fev. 2014.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, São Paul, 1992.

DELISLE, Esther. *Myths, memory & lies: Quebec's intelligentsia and the fascist temptation (1939-1960)*. Quebec: R. Daves Multimedia, 1998.

DELISLE, Esther. *The Traitor and the Jew: Anti-semitism and Extreme Right-wing Nationalism in Québec from 1929 to 1939*. Quebec: R. Daves Multimedia, 1993.

DEUTSCH, Sandra McGee. *Las Derechas: Extreme-right in Argentina, Brazil and Chile (1890– 1939)*. Stanford: Stanford University Press, 1999.

DUROCHER, René. Le Fasciste Canadien, 1935-1938. In: DUMONT, Fernand, MONTMINY, Jean-Paul & HAMELIN, Jean (org.). *Idéologies au Canada Français, 1930-1939*. Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 1978.

GÉLINAS, Xavier. *La droite intellectuelle québécoise et la Révolution tranquille*. Lévis: Les Presses de l'Université Laval, 2007.

GRIFFIN, Roger. Introduction. In: BLAMIRE, Gregory (org.). *World fascism: a historical encyclopedia*. Santa Barbara: ABC Clio Inc., 2006, p. 22.

MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild Nem Trotsky. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

MARQUES, Victor Raoni de Assis. *Solidariedade ou distanciamento: as relações entre o integralismo e o revisionismo uruguaio na década de 1930*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

MEDRESH, Israël. *Le Montréal Juif entre les deux guerres*. Quebec: Éditions du Septentrion, 2001, p. 160.

NADEAU, Jean-François. *Adrien Arcand, Führer Canadian*. Montreal: Lux Éditeur, 2010.

PASCHOALETO, Murilo Antônio. *O integralismo e o mundo: uma análise das percepções internacionais do integralismo a partir do jornal A Ofensiva (1934-1938)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Maringá, 2012.

PONCINS, Léon de. *As forças secretas da Revolução: Maçonaria, Judaísmo*. 2ª Ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1979.